

Juros da dívida levarão em 5 anos US\$ 36,5 bilhões

Wilson Thimoteo

O país transferiu para o exterior um total de 24,7 bilhões de dólares, entre 1982 e 1985, sob a forma de juros da dívida externa, de lucros e dividendos das empresas estrangeiras radicadas no país e de outros fatores. Este ano, segundo as projeções do Banco Central, deverá transferir mais 11,8 bilhões de dólares.

Sem contar o valor das transferências estimadas para este ano, os governos do período remeteram, na prática, o equivalente a 25% do valor exportado, nos quatro anos analisados.

Nos últimos dois anos (1985 e 1986), a "sangria" mencionada pelo presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, se agravou. No ano passado, as autoridades transferiram para o exterior cerca de 12 bilhões de dólares e este ano estão previstos mais 11,8 bilhões de dólares. Em termos comparativos, o país está remetendo, nos dois últimos anos em questão, pouco mais de 40% do que arrecadou nas exportações.

Na opinião dos economistas de dentro e de fora do governo, há uma convergência de fatores adversos conspirando contra o saneamento das contas externas do país. O saldo da balança comercial vem decrescendo mês a mês, por influência da queda do valor das exportações (de junho para outubro declinou de 2 bilhões para 1,3 bilhão de dólares) e do aumento das importações (de junho para outubro subiu de 929 milhões de dólares para 1,13 bilhão de dólares). O saldo comercial foi um dos mais baixos dos últimos anos, chegando a 210 milhões de dólares. Se este saldo fosse projetado por um período de 12 meses, levando em conta as sazonais correspondentes, o saldo acumulado ficaria reduzido a 1,8 bilhão de dólares, de acordo com simulações feitas pelo centro de estudos monetários e de economia internacional da Fundação Getúlio Vargas.

Desinvestimento

A diretoria da área externa do Banco Central, em recentes avaliações, estimou em 500 milhões de dólares o valor do retorno de capitais (repatriação ou remessa do país para o exterior), até o final deste ano. A própria diretoria do Banco Central informou ao JORNAL DO BRASIL que, nos primeiros seis meses deste ano, foram remetidos ao exterior, sob o conceito de retorno de capital, um total de 198,7 milhões de dólares, enquanto nos 12 meses do ano passado foram remetidos 260 milhões de dólares.

Este processo de desinvestimento (empresas estrangeiras radicadas no país que vendem suas instalações ou parte delas, remetendo os valores correspondentes de volta à matriz) representou, nos últimos anos, remessas que oscilaram entre 110 e 150 milhões de dólares (com exceção de 1979, quando o retorno de capital chegou a 353 milhões de dólares). Mas em 1985 subiu para 263 milhões de dólares e este ano chegará, na melhor das hipóteses, aos 500 milhões de dólares.

O processo de retirada de empresas estrangeiras já preocupa o governo e é atribuído pelos especialistas a causas externas e internas, dependendo do enfoque. Ninguém contesta, no entanto, que vem representando uma tendência cada vez mais preocupante, sobretudo porque ocorre simultaneamente a uma outra tendência não menos grave: a de declínio acentuado dos investimentos estrangeiros diretos no país.

A fuga do capital estrangeiro



	(Em US\$ milhões)				
	1982	1983	1984	1985	1986
1) Juros (líq.)	11 353	9 555	10 203	9 589	9 000
2) Lucros e Dividendos (líq.)	585	758	796	1 059	1 100
3) Outros Serviços de Fatores (líq.)	939	839	496	627	500
4) Ingresso Líquido de Capital Estrangeiro	10 213	3 778	8 811	-732	-1 226
5) Transferência de Recursos Financeiros (5 = 1+2+3-4)	2 664	7 374	2 684	12 007	11 826
6) Eportações de Bens e Serviços Não Fatores	21 432	23 197	28 529	27 346	26 760
7) Transferência/ Exportações (7 = 5 (em %))	12,4	31,8	9,4	43,9	44,2

¹ Dados preliminares.
² Projetado com base em dados divulgados pelo Banco Central.
³ Exclui lucros reinvestidos.
⁴ Inclui capitais autônomos, erros e omissões e capitais compensatórios. Exclui reinvestimentos.

Fonte: Banco Central do Brasil.
Tabelas extraídas do estudo sobre "Formação de capital e transferência de recursos ao exterior" — Paulo Nogueira Batista Júnior.

Remessa de divisas cresce



	(Em J\$ milhões)			
	1983	1984	1985	1986
1) Investimento Direto (líq.)	664	1 077	710	70
2) Conversão de Empréstimos em Investimento	425	731	537	400
3) Investimento Direto Novo (3 = 1 - 2)	239	346	173	-330
4) Remessa de Lucros e Dividendos (líq.)	748	796	1 059	1 100
5) Entrada líquida de Divisas (5 = 3 - 4)	-510	-450	-886	-1 430

¹ Dados preliminares.
² Projetado com base em dados divulgados pelo Banco Central do Brasil.
³ Exclui reinvestimentos.
⁴ Exclui lucros reinvestidos.

Fonte: Banco Central do Brasil.
Tabelas extraídas do estudo sobre "Formação de capital e transferência de recursos ao exterior" — Paulo Nogueira Batista Júnior.

Mais recentemente, segundo os dados fornecidos pela diretoria da área externa do Banco Central, o processo de desinvestimento atingiu grandes empresas estrangeiras. De um total de 198,7 milhões de dólares que retornaram aos seus respectivos países de origem, no primeiro semestre deste ano, um total de 153,7 milhões de dólares foi remetido por um grupo de 10 empresas, indicando claramente que firmas de porte estão deixando o país. A negociação entre a Gessy Lever e a Anderson Clayton representou, este ano, isoladamente, um retorno de capital de 65 milhões de dólares, por exemplo.

Jean Bernet, proprietário da Interinvest Editora e Distribuidora, responsável pela publicação do Guia Interinvest e do Atlas Financeiro do Brasil — um cadastro completo dos grupos estrangeiros e nacionais em operação na economia brasileira — atribui a tendência de desinvestimento às mudanças em curso na legislação tributária americana. Pressionado pela necessidade de conter suas importações e aumentar o nível do emprego, nos Estados Unidos, o governo de Ronald Reagan passará a taxar com maior rigor, a partir do próximo ano, os lucros provenientes das filiais de empresas americanas.

Outros especialistas relacionam também o processo de desinvestimento com os temores crescentes dos empresários estrangeiros sobre o congelamento de preços, a reserva de mercado e a própria Constituinte.

Lucros e dividendos

O chefe do centro de estudos monetários e de economia internacional da Fundação Getúlio Vargas, Paulo Nogueira Batista Júnior, em recente trabalho sobre "Formação de capital e transferência de recursos ao exterior" aponta outro sério complicador para as contas externas do país: os investimentos estrangeiros diretos estão caindo enquanto as remessas correspondentes a lucros e dividendos, das filiais para as matrizes continuam subindo.

"Descontadas as conversões de empréstimos em investimentos, que não representam ingresso efetivo de divisas, a entrada de investimentos diretos foi de apenas 758 milhões de dólares, entre 1983 e 1985, contra remessas de lucros de 2,6 bilhões de dólares — assinala o economista. Em outras palavras, as empresas estrangeiras têm retirado do país muito mais divisas do que trouxeram, nos três anos analisados.

Em 1983, o Banco Central registrou remessas de lucro e dividendos de 758 milhões de dólares, em 1984 mais 796 milhões de dólares, e em 1985 mais 1,15 bilão de dólares. A título de comparação, em 1980 e 1981 o Banco Central registrou como remessas de lucros e dividendos, respectivamente, 310 e 370 milhões de dólares.

Para este ano, a expectativa do Banco Central em relação à entrada de investimentos estrangeiros diretos é bem modesta. Os principais executivos do Banco não acreditam que o ingresso de divisas sob o conceito de entrada de

moeda e de mercadorias ultrapasse a casa dos 420 milhões de dólares este ano (no ano passado chegou a 485 milhões de dólares).

Nas contas do economista Paulo Nogueira Batista Júnior, o ingresso líquido de capital estrangeiro (excluindo o reinvestimento), no ano passado, apresentou um resultado negativo de 732 milhões de dólares, quando confrontado com as saídas registradas. Este ano, suas projeções indicam, com base em dados divulgados pelo Banco Central, outro resultado negativo da ordem de 1,22 bilhão de dólares.

Dados recentemente divulgados na imprensa pelo diretor da área externa do Banco Central, Carlos Eduardo de Freitas, apontam outros ângulos do mesmo problema. Revelam que, no ano passado, o ingresso em moeda foi de 386,8 milhões de dólares; em mercadoria, (sob a forma de equipamento e outros bens) de 98,4 milhões de dólares; e sob a forma de conversão de empréstimos em investimentos

Reservas caem

O resultado deste quadro geral tem-se manifestado sob a forma de uma gradual queda das reservas cambiais do país. Segundo informações fornecidas por fontes do governo, num espaço de 20 dias, entre o final de outubro e os 10 primeiros de novembro, o país teria consumido cerca de 1 bilhão de dólares das reservas.

As versões variam sobre o verdadeiro valor atual das reservas internacionais líquidas, mas já aparecem indicações de que andaria girando entre 4 e 5 bilhões de dólares. Um valor tido pelos especialistas como extremamente baixo, tomando em conta alguns critérios universalmente aceitos. Tais critérios indicam que as reservas cambiais de um país devem equivaler, em divisas efetivamente disponíveis, a três ou seis meses de importações. No caso brasileiro, que carrega uma pesada dívida externa, os seis meses de importação dariam uma margem maior de autonomia (em outubro as importações registraram um valor de 1,13 bilhão de dólares).

O diretor do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC), João Luiz Mascoco, com doutorado em economia pela Fundação Getúlio Vargas, defende a tese de que o governo atual não soube aproveitar as condições favoráveis dos últimos dois anos.

— Permitir a deterioração das contas externas em um período de choques favoráveis — queda nos preços do petróleo, nas taxas internacionais de juros e a própria desvalorização do dólar — significa a perda de uma oportunidade que, provavelmente, não deverá se repetir nos próximos anos — adverte o economista.

Enquanto alguns criticam a oportunidade perdida, outros procuram apontar medidas urgentes para contornar o problema criado. O economista Antonio Barros de Castro, que tem atuado na assessoria econômica do governo, por exemplo, já adverte sobre a necessidade da centralização do câmbio e de redução do pagamento de juros.